Colloque Convergencia « Crise dans la culture »

Paris le 28-29 - septembre 2019

Política, ética e perversão

Norton Cezar Dal Follo da Rosa Jr[1]

Boa tarde a todas e a todos,

Inicialmente gostaria de agradecer aos colegas do comitê de organização do colóquio de Convergencia e falar da importância da manutenção desses espaços que permitem as transferências de trabalhos entre psicanalistas de diferentes línguas, culturas e estilos, pois isso além de relançar a formação, renova as possibilidades de transmissão da psicanalise na cultura.

A crise na cultura é sempre uma temática pertinente a prática do psicanalista. Nesse sentido, tanto os impasses nos laços sociais, quanto as suas variantes discursivas interrogam a clínica e as condições de sustentação de sua ética. Advertidos disso, é comum lembrarmos da observação de Lacan de que *deve renunciar à pratica da psicanalise todo o analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época*. Logo, cabe ao psicanalista tomar posição, o que implica reconhecer os efeitos subjetivos da crise, especialmente, no contexto ao qual ele exerce a sua prática.

Nesse momento no Brasil a palavra "crise", ao mesmo tempo em que testemunha a nossa triste realidade política, jurídica e social, parece

---

[1] Psicanalista membro da APPOA e instituto APPOA.

insuficiente para dizer do estado das coisas. Como é de conhecimento da imprensa internacional, desde o perverso golpe parlamentar de 2016 que destituiu do poder a presidenta Dilma Rousseff, vivemos um momento muito delicado no que diz respeito as garantias de um estado democrático de direito. Tempos sombrios: declarações violentas contra os diretos humanos, sucessivos ataques à imprensa, permanente incitação ao ódio às diferenças, vergonhosas homenagens a torturadores e assassinos, atos sistemáticos de repúdio as minorias e o flagrante desrespeito a constituição são apenas algumas das evidências do quanto está em xeque a nossa democracia. Para além de uma simples dicotomia entre esquerda e extrema direita, coloca-se em cena indícios de um regime fascista.

Nossa proposta nesse congresso de Convergencia tem por objetivo fazer uma articulação entre ética, clínica e política, colocando em discussão as consequências subjetivas quando a *mostração do gozo* invade a esfera pública na *pornocracia*. Estamos cientes o quanto o acirramento do discurso de extrema direita tem se evidenciado em diferentes países, tratando-se de um tema complexo e multifatorial. Entretanto, entendemos que uma das formas de contribuir para essa discussão é resgatar o debate entre os psicanalistas entorno do campo das perversões.

Pornocracia: quando o obsceno invade a cena pública

Quando o obsceno invade a cena pública a democracia perde. Mas, quando ele é propagado por um presidente da república, tornando-se ato de Estado, estamos na *pornocracia, ou seja,* encena-se o gozo com aparente legitimidade. Isto tem ocorrido de várias formas, seja através da perseguição sistemática da comunidade LGBT, dos insultos aos negros e o total descaso com a população indígena do país, sem falar na devastação do meio ambiente, na destituição do saber científico e na perda de direitos históricos

dos trabalhadores... Diante de tantos ultrajes, o mandatário da nação desmente os efeitos nefastos da ditadura militar e demonstra total falta de empatia com o sofrimento das famílias torturadas pelo regime. A banalização sistemática do sofrimento alheio evidencia tanto a falta de dignidade, quanto qualquer virtude política.

Na *pornocracia* não há responsabilidade com a palavra, tudo pode ser dito sem haver consequências. Esses apolíticos buscam apenas chocar, escandalizar, arrombar, desmentir e propagar o ódio mediante uma racionalidade paranoica que só se sustenta através da recusa a diferença mediante uma perversão generalizada. É flagrante não existir a mínima noção de lugar, responsabilidade e liturgia do cargo, ao atingir o pudor dos outros, coloca-se em cena a *mostração do gozo*. Portanto, se o obsceno invade o Estado resta a ofensa, a perseguição, a humilhação, a destituição dos inimigos e a força da lei para quem convém.

Ao acompanhar as notícias diárias é possível ler a presença de um significante que até então era raro de se ouvir nas diferentes mídias, mas, na atualidade, tornou-se cotidiano, a saber: desmentido. O próprio presidente desmente a todo momento o que ele mesmo havia dito, assim como, a cada semana, têm sido categoricamente desmentido. Entretanto, nada muda na sua posição, pois tudo é dito como se ele detivesse um saber com estatuto de verdade, ou ainda, como se não houvesse disjunção entre saber e verdade.

O enunciado "mas mesmo assim" tornou-se corriqueiro na fala do mandatário da nação: "Os negros dos quilombos não servem nem para procriar", mas mesmo assim, coloca um ao seu lado para fazer propaganda política; manifesta o ódio aos gays, mas mesmo assim, diz não ser homofóbico; fala em escola sem ideologia, mas defende o fascismo; apoia a redução das terras demarcadas para os índios, mas mesmo assim, chama uma índia para fazer parte de seu governo; não reconhece os direitos humanos, mas refere a constituição; diz não se tratar de um governo militar, mas, os

generais estão no poder. Após ganhar as eleições ele e seus seguidores afirmavam: "não basta ganhar as eleições, é preciso exterminar os esquerdistas e acabar com os opositores enquanto grupos, organizações e até indivíduos".

Lacan (1953-54) desde os seus primeiros seminários observou que a perversão se situa no limite do registro do reconhecimento. Isto terá suas implicações no laço social, pois ao negar a alteridade, destitui-se o semelhante de sua condição de sujeito. Penso que a partir dos acontecimentos políticos em nosso país, ficamos advertidos em relação a essa temática. Desde então, as perversões começam, timidamente, a ganhar espaço em nossos debates. Esse fato cabe ser observado, sobretudo, se considerarmos que nos últimos 20 anos, o tema tem passado quase desapercebido tanto nas instituições psicanalíticas, quanto no âmbito universitário.

O por que de tanto desinteresse? A baixa incidências de procura por tratamento é suficiente para justificar a escassez de publicações e eventos? O que entendemos do ponto de vista psicanalítico por perversões? Em que medida estamos tão mergulhados numa engrenagem perversa que nos impede de reconhecê-la? Diante de tantas interrogações, pode-se concluir: o silêncio acerca disso não contribuiu para a formação dos psicanalistas, especialmente, por se tratar de um campo marcado por moralismos, preconceitos e verdades absolutas. Mais do que isso, as questões relativas às perversões são tomadas como se tratassem de algo exterior a nós mesmos.

Possibilidades da clínica psicanalítica com as perversões

É comum posicionamentos categóricos de que perversos não buscam análise, pois não sofrem, apenas gozam em função dos males causados às suas vítimas. E ainda, os raros que procurariam estariam somente em busca

de algum ganho para fazer uso em manipulações tendenciosas. Nesse sentido, ou o sujeito na perversão não reconhece o analista no lugar de suposto saber, pois ele detém o saber sobre como fazer o outro gozar, ou ele viria ao analista para fazê-lo cúmplice de suas obscenidades, *voyeur* de suas encenações performáticas. Mas, isso seria suficiente para fechar a porta de nossos consultórios? Apesar de reconhecer a pertinência dessas evidencias clínicas, penso que seria mais interessante interrogar as possibilidades de leituras das perversões.

Como observou Lacan (1968-69), na perversão *o sujeito se faz instrumento para a restauração do Outro*. Isso certamente terá suas implicações, pois coloca-se em jogo a destituição do semelhante como sujeito, tomando-o como um objeto inanimado. Entretanto, apenas supor o perverso como mestre da arte de gozar pode levar ao equívoco de que sua modalidade de gozo situaria um total desprezo ao outro e, consequentemente, não haveria abertura para uma análise. Pelo contrário, Lacan introduz algo novo quando afirma que não se trata de desprezo, pois o perverso estará condenado a sustentar o gozo do Outro. Assim, ele estará escravizado por uma lei rígida: deixar o outro pleno.

Na lição de 26 de março de 1969 ao abordar as pulsões escópica e invocante, no que diz respeito a questão do olhar, Lacan situa a diferença entre a posição do exibicionista e do *voyeur* e, em relação a voz, destaca as particularidades do sádico em detrimento do masoquista. Ele irá dizer que para o exibicionista o essencial *é fazer aparecer o olhar no campo do Outro*. Logo, o exibicionista zela pelo gozo do Outro, dando-se a ver. Não é simétrica a posição do *voyeur*, pois esse *irá espiar no Outro o que não se pode ver*. No que diz respeito ao masoquismo destaca ser a dominação o significante ordenador da relação entre o mestre e o seu discípulo a partir do efeito da voz do primeiro sobre o outro, pois *o masoquista irá responde a*

voz do Outro como um cão. Em contrapartida, *o sádico busca completar o outro, roubando-lhe a fala e lhe impondo a sua voz*.

Freud ([1905] 2005), desde o caso *Dora,* já alertava: *Tem que ser possível falar sem indignar-se do que chamamos perversões sexuais*. Também nos *Três ensaios sobre a sexualidade* ele irá dizer que as perversões não se tratam de algo exterior a nós mesmos. Apesar do alerta, o conceito de "perversão" é tratado como uma espécie de rótulo: "perverso"! Esse, além de ser utilizado para condenar alguém de forma pejorativa, facilmente é concebido a partir de categorias fenomenológicas. Muitas vezes por reconhecer no outro um potencial persuasivo mediante a busca de um gozo sem limites, ou até mesmo, em função de comportamentos intoleráveis.

Lacan ([1966] 1998), criticou a interpretação em relação ao aforismo freudiano *a histeria é o negativo da perversão*, pois estaria enganado quem supõem que o recalcado na neurose se encontraria a céu aberto na perversão. Nesse sentido, não basta afirmar que na perversão o sujeito requer a transgressão a qualquer custo, como se no gozo perverso estivesse em causa apenas a plena satisfação da pulsão. O ponto de virada para Lacan é como o sujeito se coloca *ao se fazer instrumento do gozo do Outro*. Trata-se de um detalhe importante, do contrário, facilmente, toma-se a perversão pelo viés comportamental. Logo, o analista somente poderá formular a hipótese de perversão mediante a leitura da transferência que lhe é endereçada. Assim, Freud e Lacan situaram um novo paradigma sobre a perversão, concebendo-a para além de um desvio, ou uma anomalia psicopatológica. Eles estabeleceram as bases para se ler as perversões em sua perspectiva *linguageira*, ou ainda, como uma posição singular do sujeito em relação a castração.

Voltamos a questão, perversos procuram análise? Os princípios nos quais se legitimariam possíveis demandas seriam a intensa angústia decorrente das falhas nos roteiros responsáveis por capturar suas

modalidades fixas de gozo, ou até mesmo, em função da despersonalização que engole o sujeito nas suas atuações a tal ponto de ele não se reconhecer como agente de seus atos. Considerando esses aspectos, pode-se dizer: será somente a partir dos efeitos colhidos em sua análise que o psicanalista poderá lidar com a angústia, o repúdio e o fascínio implícito na transferência perversa. Trata-se da indagação radical sobre o desejo do analista, seja pelo constante desafio para assumir uma posição de mestre, seja pelo imperativo de fazê-lo cúmplice da instrumentalização do outro, destituindo-o assim, de sua ética.

Apesar de o gozo na perversão recusar à filiação, o amor, a diferença, o sentimento de dívida com o outro e tentar a todo custo localizar a divisão subjetiva do analista, haveria alguma possibilidade de aposta nessa clínica? Para responder essa questão requer o analista reconhecer algum traço de sofrimento, de drama subjetivo; do contrário, não há possibilidades de leitura psicanalítica.

Ao ler o desafio implícito na transferência perversa, agencia-se o direito à palavra, condição indispensável para o sujeito falar sobre as imagens e os roteiros pelos quais estão alienadas as suas modalidades de gozo mediante o imperativo de localizar a divisão subjetiva do outro a qualquer custo. Isso situa a particular posição do sujeito ao tema do pai e a recusa da filiação, assim, a encarnação do saber sobre o gozo andará de mãos dadas com a sua impossibilidade de amar. Lacan (1974-75), em R S I situa o pai como responsável por introduzir a castração no discurso, na medida em que o reconhecimento de sua castração faz com que os filhos possam idealizá-lo no amor.

Como vimos, são muitos os limites dessa clínica. Contudo, para uma análise se operar o analista será desafiado a todo instante a dar a palavra ao sujeito. Por isso, a transferência em questão requer relançar o desejo do

analista para possibilitar o sujeito tomar a palavra diante do imperativo de *mostração do gozo*, logo, o desafio será transpor as nossas resistências e viabilizar a associação livre. Caso contrário, de um lado o analista sentirá seu corpo sendo manipulado diante de uma transferência obstinada a instrumentalizá-lo; de outro, poderá incorrer numa impostura moralista de caráter adaptativo.

Portanto, a nossa ignorância em relação ao desejo de saber sobre às perversões poderá trazer contribuições na formação dos psicanalistas, pois sua ética será radicalmente interrogada face o desafio de reinventar novas formas de gozo. Para concluir, gostaria de destacar quatro formulações de quatro autores: Freud, Lacan, Sade e Masoch, pois os fundamentos lógicos que sustentam as teses a seguir poderão ajudar a transpor e ampliar as concepções predominantes em relação as perversões.

- Freud – *Na perversão o sujeito reconhece e desmente, simultaneamente, a castração*,

- Lacan – *O perverso se faz instrumento do gozo do Outro*

- Masoch – É *verdadeiramente masoquista aquele que suporta tudo do outro, só não suporta perde-lo*.

- Sade – O imperativo categórico do gozo diante da recusa da herança simbólica das gerações que antecedem o sujeito e à recusa da responsabilidade com a transmissão às novas gerações.

Muito obrigado!

Referências:

DUFOUR, D-R. *La cité perverse*: libéralisme et pornographie. Paris: Éditions Denoel, 2009.

Freud, S. [1905 (1901)]. Fragmento de análisis de un caso de histeria: Dora. *In*: *Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

_____. [1905a]. Tres ensayos de teoría sexual. *In*: *Obras completas*. v. 7. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

_____. [1927]. Fetichismo. *In*: *Obras completas*. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

LACAN, J. [1958]. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. *In*: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. [1953-54].

_____. *O Seminário, livro 1*: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. [1963]. Kant com Sade. *In*: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. [1968-69]. *O seminário. livro 16*: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: 2008. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1974-75). *R.S.I*. Séminaire. Éditions de l'Association Freudienne Inter- nationale. Publication hors commerce. Texte établi sous la responsabilité de Henri Cesbron- Lavau. Document interne à l'Association Freudienne *In*ternationale et destiné à ses membres. Paris, 2002.

MANNONI, O. *Clefs pour l' Imaginaire ou l'Autre Scène*. Le Champ Freudien. Col- lection Dirigée par Jacques Lacan. Paris: Éditions Seuil, 1969.

POMMIER, G. *O amor ao avesso*: ensaio sobre transferência em psicanálise. Tra- dução Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

SACHER-MASOCH, L. [1870]. *A vênus das peles*. Tradução: Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2008.

SADE, M. [1795]. *A filosofia na alcova, ou, os preceptores imorais*. SP: Iluminuras, 2008.